

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE FILOSOFIA/UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE
CIÊNCIAS HUMANAS
CAMPUS GOIÁS

LIULA GONÇALVES COIMBRA DE OLIVEIRA

RELAÇÕES ENTRE ALGUNS MITOS E A EXPECTATIVA DE GÊNERO EM
NOSSA SOCIEDADE

GOIÁS/2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS
HUMANAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo da autora: Liula Gonçalves Coimbra de Oliveira

Título do trabalho: Relações entre alguns mitos e a expectativa de gênero em nossa sociedade

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Gabriela Colantoni, Professor do Magistério Superior**, em 01/09/2022, às 14:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº](#)

[10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por **LIULA GONÇALVES COIMBRA DE OLIVEIRA, Discente**, em 13/09/2022, às 15:29, conforme horário oficial de [Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do](#) [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3157693** e o código CRC **88723F27**.

Referência: Processo nº 23070.047583/2022-28
SEI nº 3157693

LIULA GONÇALVES COIMBRA DE OLIVEIRA

RELAÇÕES ENTRE ALGUNS MITOS E A EXPECTATIVA DE GÊNERO EM
NOSSA SOCIEDADE

Trabalho de monografia apresentado ao curso
de bacharelado em filosofia da Universidade
Federal de Goiás/Campus Goiás.

Orientadora: Professora Dra. Ana Gabriela
Colantoni.

GOIÁS/2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Liula Gonçalves Coimbra de
RELAÇÕES ENTRE ALGUNS MITOS E A EXPECTATIVA DE
GÊNERO EM NOSSA SOCIEDADE [manuscrito] / Liula Gonçalves
Coimbra de Oliveira. - 2022.
XXXI, 31 f.

Orientador: Profa. Dra. ANA GABRIELA COLANTONI.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências
Humanas, Filosofia, Cidade de Goiás, 2022.

Bibliografia.

Inclui abreviaturas.

1. MULHER. 2. MITO. 3. PATRIARCADO. 4. ANDROCÊNTRISMO.
5. ENSINO. I. COLANTONI, ANA GABRIELA, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao primeiro dia do mês de setembro do ano de 2022 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "Relações entre alguns mitos e a expectativa de gênero em nossa sociedade", de autoria de Liula Gonçalves Coimbra de Oliveira, do curso de bacharelado em Filosofia, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas (UAECH) da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Professora Doutora Ana Gabriela Colantoni - UAECH/UFG com a participação da membra da Banca Examinadora: Júlia Sebba Ramalho Morais - UAECH/UFG. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,00 (dez), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Gabriela Colantoni, Professor do Magistério Superior**, em 01/09/2022, às 11:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Julia Sebba Ramalho Morais, Professora do Magistério Superior**, em 01/09/2022, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3157677** e o código CRC **3AE0B739**.

RESUMO

Este trabalho visa, através de uma pesquisa bibliográfica, trazer à luz o quanto os discursos vêm reforçando o preconceito, a submissão e a violência contra a mulher e como o patriarcado reforçou e ainda reforça a desigualdade de gênero a fim de que mudanças ocorram em nossa sociedade. E para isso, abordaremos alguns mitos que têm contribuído para a promoção das diferenças entre os papéis sociais do homem e da mulher. O mesmo será dividido da seguinte forma: primeiramente, será analisado o mito guarani de Iara, em seguida abordaremos sobre a caça as “bruxas”, o mito grego de Héstia - a senhora do lar, e em seguida, falaremos sobre mitos judaico-cristãos tendo como eixo interseccional as opressões causadas pelo patriarcado e o androcêntrismo.

Palavras-chave: Mulher. Mito. Patriarcado. Androcêntrismo. Ensino.

ABSTRACT

This work aims, through a bibliographical research, to bring to light how much discourses have reinforced prejudice, submission and violence against women and how patriarchy reinforced and still reinforces gender inequality so that changes occur in our society. And for this, we will address some myths that have contributed to the promotion of differences between the social roles of men and woman. The some will be divided as follows: first, the Guarani myth of Iara will be analyzed, then will discuss the hunt for “witches”, the Greek myth of Hestia – the lady of the house, then we will talk about Judeo-Christian myth having as intersectional axis the oppressions caused by patriarchy and androcentrism.

Keywords: Woman. Myth. Patriarchate. Androcentrism. Teaching.

LIULA GONÇALVES COIMBRA DE OLIVEIRA

**"RELAÇÕES ENTRE ALGUNS MITOS E A EXPECTATIVA DE
GÊNERO EM NOSSA SOCIEDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, defendido e aprovado em 01/09/2022 pela banca examinadora consistida por:

Profa. Dra. Ana Gabriela Colantoni

Profa. Ms. Júlia Sebba Ramalho Morais

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, especialmente pela saúde nesses tempos sombrios de pandemia.

Agradeço também aos meus filhos Norton Augusto e Carolina pelo apoio e incentivo, ao Stênio, pelo suporte didático através dos livros que me emprestou. Enfim, ao meu esposo Edinildo pela dedicação, compreensão, e por me fornecer o apoio necessário para que esse sonho fosse realizado.

Não posso deixar ainda de agradecer a todos os professores e professoras pela dedicação e competência!

Obrigada!

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha pequena neta Lunna que se encontra hoje com um ano e cinco meses, para que ela saiba que somente a educação pode mudar uma sociedade. Para que saiba também que o lugar dela é onde ela quiser estar!

Te amo demais!

Vovó Liula.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - UM MITO GUARANI.....	16
CAPÍTULO II -AS BRUXAS.....	18
CAPÍTULO III - HÉSTIA, A SENHORA DO LAR - UM MITO GREGO.....	21
CAPÍTULO IV - MITOS JUDAICO-CRISTÃOS.....	24
CONCLUSÃO.....	32
BIBLIOGRAFIA.....	33

INTRODUÇÃO

A mulher, há muito, é considerada por uma sociedade patriarcal e machista o ser mais fraco e menos inteligente que o homem. Consequentemente, o trabalho doméstico e a criação dos filhos são realizados majoritariamente por mulheres. Mesmo depois de muitos direitos adquiridos como o voto, o direito de não ter filhos, e ao trabalho remunerado, ela ainda sofre preconceitos. Preconceitos esses que vêm sendo reforçados através de discursos que vão passando de geração a geração, perpetuando assim as atitudes que oprimem, diminuem e subestimam as mulheres.

Tais preconceitos são reforçados nas histórias infantis, nos estudos dos mitos nas escolas e até mesmo dentro das igrejas, gerando no inconsciente coletivo que a mulher é a parte mais fraca, é a perigosa, é aquela que usurpa, que causa confusão, a menos inteligente e que portanto, deve ficar somente por conta dos filhos e da casa.

É evidente que existem as diferenças como as “anatômicas, embriológicas ou fisiológicas que serviram para nos excluir, coibir e inibir determinadas ações e posições sociais e culturais ao longo dos séculos” (AMITRANO, 2020 p.27). Entretanto, tais diferenças não podem ser o fator de mensuração para a capacidade cognitiva de uma mulher. Capacidades essas, que têm sido provadas no decorrer da história em todos os âmbitos da sociedade tais como na política, religião, educação, etc.

Segundo Geórgia Amitrano (2020, p. 43), “a narrativa mítica tem ajudado na construção histórica de um pensamento que afirma e mantém, na ordem de diversos discursos apregoados, a inferioridade da mulher[...]”. Portanto, é necessário emprendermos mais esforços a fim de desconstruirmos tais pensamentos, que são inculcados desde a mais tenra idade se tornando um problema estrutural. Ou seja, é na família, no jardim de infância onde o problema começa e encontra força no ambiente de trabalho e sobretudo nas igrejas, onde deveriam ser lugares de inclusão, enfim, em toda sociedade. Precisamos então, de ações didáticas e esclarecedoras nas escolas públicas e privadas, nas escolas bíblicas e onde for possível, para que o pensamento de que as mulheres sejam seres inferiores venha a ser suprimido.

Então, é necessário explicitar o quanto esses discursos têm trazido tensões ao gênero feminino pois, ao serem repassados reforçam a ideologia dominante da sociedade patriarcal e potencializam problemas na vida das mulheres.

Ademais, esperamos que esse trabalho alcance as mentes, especialmente daquelas que se encontram ainda na mais tenra idade, nas escolas ou em casa, através dos pais e educadores a fim de que sejam renovadas e transformadas com o objetivo de

dar à mulher o lugar de respeito que lhe é devido. Entretanto, para isso, é necessário mudar o nosso olhar pois toda mudança ocorre a partir do reconhecimento de que algo está errado, e sem tal reconhecimento não haverá possibilidades de mudanças.

Compreendendo que não há pesquisa neutra e também que a pessoa que pesquisa apresenta uma intencionalidade, sendo a parte ativa da relação fenomênica. Sendo assim, penso que eu preciso dizer qual o meu lugar, quem eu sou, conforme a sugestão da filósofa:

Todavia, para construir esse discurso tese, essa possibilidade ontológica da existência de um ser *outro*, é preciso primeiro que eu me posicione. É necessária a minha fala de *mulher*, minha condição estrutural na sociedade, minha possibilidade de “dizer algo acerca de...” [...] Dizer da *mulher*, é no meu caso, sempre falar na primeira pessoa. Há algo de autobiográfico nos discursos de mulheres falando de outras mulheres (AMITRANO, 2020, p. 21-22).

Portanto, eu sou Liula, mulher latino-americana, heterossexual, cristã, lida como branca no Brasil, 59 anos. Há 25 anos, meu esposo e eu lideramos uma pequena igreja evangélica na periferia de Goiânia, onde mantenho contato com inúmeras mulheres, já que as mesmas são as maiores colaboradoras dentro das igrejas, possibilitando assim, identificar os problemas pelos quais elas passam.

Nesse país, estou em uma posição de opressão por ser mulher, mas reconheço a minha situação de privilégios por conta da cor, da religião e da orientação sexual. Então, a partir desse meu lugar de fala, eu apresento minha intenção nessa pesquisa: elaborar um trabalho que aborde questões relevantes e críticas, no intuito de despertar reflexões feministas no meio evangélico. Obviamente, eu reconheço que alguns assuntos eu não tenho intuito de abordar, pois penso que a reflexão filosófica pode entrar em choque com minha crença religiosa.

Entretanto, há pontos específicos que são possíveis de serem abordados e que possibilitam promover melhor qualidade de vida para mulheres evangélicas.

Penso ainda que a valorização da vida cotidiana também é fundamental para a produção de conhecimento e conseqüentemente, para transformações sociais pois, é no dia-a-dia que acontecem as tristezas pela falta de pão, pelo abandono social, pela morte etc. Enfim, é no cotidiano que nossa história real acontece.

Portanto, é necessário que as mulheres reflitam e se mobilizem a fim de que ocorram as transformações necessárias.

Primeiramente, gostaria de descrever como o dicionário conceitua o mito:

Mito (do grego *mythós*) é uma narrativa fantástica que possui o objetivo de explicar a origem de tudo aquilo que existe e é

considerado importante para um determinado povo. A reunião dessas narrativas forma um conjunto de explicações sobre o mundo chamada de mitologia. Mito é ainda, uma narrativa de caráter simbólico e imagético, ou seja, o mito não é uma realidade independente, mas evolui com as condições históricas e étnicas relacionadas a uma dada cultura, que procura explicar e demonstrar, por meio da ação e do modo de ser das personagens, a origem das coisas (MENEZES, 2021).

Estudar os mitos é indispensável para que possamos conhecer a história da humanidade, pois os mesmos carregam uma herança psicológica. O estudioso da psicanálise, Carl Gustav Jung, chama isto de inconsciente coletivo que é “a parte da psiquê que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade” (JUNG et al., 2008, p.138).

Tomando por base os pensamentos de Jung, os mitos não pertencem somente aos povos antigos. Existe, porém, uma conexão com a complexidade da vida moderna. Sendo assim, “ainda lemos os mitos dos antigos gregos ou dos índios americanos, mas não conseguimos descobrir qualquer relação entre essas histórias e nossa própria atitude para com os ‘heróis’ ou os inúmeros acontecimentos dramáticos de hoje” (JUNG et al., 2008, p. 136).

Portanto, para entendermos esses dramáticos acontecimentos, é necessário aprofundarmos o estudo do vasto material mitológico, a fim de conhecermos mais profundamente a humanidade.

[...] o inconsciente coletivo é um legado construído ao longo da história, povoado por tipos arcaicos - os arquétipos – que emergem na consciência como imagens simbólicas. Para Jung, o arquétipo personifica certos dados instintivos da obscura psiquê primitiva do ser humano, as raízes verdadeiras e invisíveis da consciência. (NOGUERA, 2021, p. 15).

Estudar os mitos, é estudar a relação do homem com seu inconsciente e para Jung (2008), “o inconsciente é o grande guia, o amigo e conselheiro do consciente”. Ademais, através desse estudo podemos redescobrir a história da humanidade e conseqüentemente, como isso afeta o homem atual.

Por conseguinte, estudar os mitos, significa mostrar como vem sendo construído o papel social da mulher sob as influências dos mesmos, a fim de desfazer a imagem negativa que a mulher é fraca, insensível e incapaz. Necessita sim, de uma releitura dos mesmos e trazê-los para a realidade moderna, a fim de reinterpretá-los. Fazer isso significa que, através de debates e do exercício de filosofar, podemos desnaturalizar as práticas opressoras.

Além do mais, mudar a realidade que nos afeta significa que precisamos trazer à luz os fatos obscuros da história. Ademais, é inegável, assim como aponta Noguera, Amitrano e Jung, o fato de que nossa subjetividade é afetada e influenciada pelos mitos. Assim, podemos pensar práticas possíveis de serem vividas que sejam capazes de transformações no mundo real e também nas subjetivas.

CAPÍTULO I - UM MITO GUARANI

No cenário mítico guarani, Nhanderu criou Iara para ela proteger o reino das águas, dos rios, dos lagos, da neblina e da cerração. O pai, pajé do seu povo, tinha orgulho profundo da beleza, da coragem e da astúcia da filha. A mãe não fazia diferente: elogiava e cuidava dela como se fosse filha única. Os irmãos de Iara sentiam muito ciúme e inveja dela e tomaram uma decisão: matá-la para ter o amor dos pais só pra si. Um dos motivos que reforçava tanto a inveja como o ciúme eram os olhos e os ouvidos longos de Iara. Ela tinha uma capacidade fora do comum de enxergar, ouvir e perceber as coisas que estavam por acontecer. Ela tinha olhos ‘compridos’ e ouvidos ‘longos’. Na manhã em que planejavam atacar a jovem, começaram a discutir de que forma o fariam. Com ciúme e inveja, seus corações estavam quentes como a fogueira que recebe lenha por muito tempo. O sangue dos rapazes fervia; os olhos de todos eles estavam vermelhos como urucum. Nessa situação, a ‘cegueira’ ficara tão profunda, que tudo o que enxergavam transformou na vontade de assassinar a irmã. Ideias diferentes passaram a lutar entre si, todas buscando virar realidade. Cada irmão de Iara deu voz para uma delas. A primeira ideia: afogá-la. Mas como? Iara era uma nadadora fora do comum. A segunda ideia: feri-la mortalmente e colocar a culpa em um animal de caça. Mas como, se Iara era uma exímia caçadora? A terceira ideia: durante seu sono, sufocá-la sem deixar vestígios. Porém, Iara sempre teve sono leve e qualquer passo interrompia seus sonhos. Ainda sem saberem como levariam o plano ao fim, decidiram que a matariam ao anoitecer. Mas Iara tinha bom ouvido e captou todas as palavras de seus irmãos. A moça decidiu rápido e, antes que fosse atacada, defendeu-se, flechando mortalmente todos os irmãos. Em seguida fugiu. No mesmo dia, o pai de Iara deu-se conta de que a morte de seus filhos era obra dela. O pajé sentiu uma tristeza mortal, mas transformou o pesar no dever de castigar a filha tão amada e a perseguiu por várias luas. Iara escondia-se porque amava o pai e não queria confrontá-lo. Ela dormia camuflada, misturada com a floresta e seus habitantes. A moça não temia onça nem cobra; o único medo era o pai. Tomada pela culpa, passava dias sem encontrar sono. Mantinha-se a maior parte do tempo em vigília, à espreita, pronta para se defender de um ataque.

Depois de sete ciclos de lua cheia, o pai encontrou Iara acampada entre as árvores. Em uma manhã em que o sol chegou manso e a chuva fina da noite tinha se retirado, o dia fresco embalou o sono de Iara. Assim, o pai amarrou a própria filha, arrastou-a até o encontro voraz entre os rios Negro e Solimões. Iara acordou com a queda nas águas e desceu como uma pedra até as raízes dos rios. O espírito das águas junto ao reino dos peixes protegeu Iara e a transformou em uma mulher-peixe. A partir de então, ela tem atraído homens para o fundo dos rios. Em geral, esses homens nunca retornam. Por isso, sua reputação permanece assustando quem passa pelo domínio de suas águas (NOGUERA, 2021, p.139-140).

No mito acima, podemos observar várias mensagens de cunho psicológico como também filosófico. Verificamos o ciúme dos irmãos em relação ao pai com a irmã mais nova, pois por ser a preferida do pai, ela poderá ser a sucessora do mesmo, nessa cultura

indígena. Então, diante do medo de serem liderados por uma mulher, os irmãos tramam contra ela.

Ademais, para que possamos perceber o “medo” do irmãos de serem liderados por Iara - porque não é somente o ciúme e inveja que existe nessa trama-, é necessário um olhar muito mais profundo, um olhar de espanto, ou seja, um olhar filosófico. Quando fazemos a leitura de uma forma natural e corriqueira, vamos nos encantar com a moça que virou peixe, vamos somente nos indignar com o ciúme e a inveja dos irmãos. Porém, o problema é muito mais profundo do que se imagina.

[...] por outro, o foco é o gênero das pessoas envolvidas. Os irmãos estão em número indeterminado, mas, sempre no plural, são do sexo masculino, enquanto Iara, a única identificada com o gênero feminino, recebe explicitamente mais atenção do pai, um pajé alguém com posição social de status simbólico, político e religioso. Em outras palavras, em um território onde o poder político é masculino, os irmãos de Iara estranham a escolha do pai, que parece preferir Iara como sucessora (NOGUERA, 2021, p. 140).

Então, os irmãos ao perceberem que Iara, era a única mulher e poderia liderá-los, se irritaram a ponto de tramarem contra ela. Iara representa as mulheres que são “alvos de violência dos homens com quem tem proximidade afetiva e parental, devido à noção de que o poder político deve ser naturalmente masculino” (NOGUERA, 2021, p.141).

Ademais, estamos acostumadas (os) a ouvir somente a parte que nos convém saber. Ouvimos a parte em que Iara atrai os homens para o fundo do rio, porém não fica explícito o motivo pelo qual ela está no fundo das águas. Porém, Iara, é apenas mais um mito que se for lido sob a perspectiva feminista, mostra-nos claramente a opressão do poder patriarcal.

CAPÍTULO II -AS BRUXAS

Primeiramente, a figura da mulher má, com nariz grande e voando em uma vassoura, chegou ao imaginário infantil através das histórias contadas nos livros ou nos filmes. Porém, pouco se fala ou se sabe sobre essa figura mítica que assusta os sonhos infantis.

Na imaginação popular, a bruxa começou a ser associada à imagem de uma velha luxuriosa, hostil à vida nova, que se alimentava de carne infantil ou usava os corpos das crianças para fazer suas poções mágicas – um estereótipo que, mais tarde, seria popularizado pelos livros infantis (FEDERICI, 2017, p. 324).

Entretanto, não é falado que as “bruxas” foram as mulheres executadas no começo da Era Moderna, na sociedade cristã, por serem curandeiras, por deterem o conhecimento sobre as ervas, porque tinham controle de seus corpos em relação ao ato sexual, bem como em relação à reprodução e que foram acusadas de terem pacto com o demônio e que por isto deveriam ser mortas.

A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, de demonizá-las e de destruir seu poder social. Ao mesmo tempo, foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade. [...] existe uma continuidade inconfundível entre as práticas que foram alvo da caça às bruxas e aquelas que estavam proibidas pela nova legislação introduzida na mesma época com a finalidade de regular a vida familiar e as relações de gênero e de propriedade. Embora a caça às bruxas estivesse dirigida a uma ampla variedade de práticas femininas, foi principalmente devido a essas capacidades – como feiticeiras, curandeiras, encantadoras ou adivinhas – que as mulheres foram perseguidas, pois, ao recorrerem ao poder da magia, debilitavam o poder das autoridades e do Estado, dando confiança aos pobres em sua capacidade para manipular o ambiente natural e social e, possivelmente, para subverter a ordem constituída (FEDERICI, 2017, p. 314).

Diante disso, as acadêmicas feministas tentam explicar o fenômeno da caça às bruxas da seguinte forma:

[...] como explicar a execução de milhares de “bruxas” no começo da Era Moderna e por que o surgimento do capitalismo coincide com essa guerra contra as mulheres. [...] existe um acordo generalizado sobre o fato de que a caça às bruxas buscou destruir o controle que as mulheres haviam exercido sobre sua função reprodutiva e serviu para preparar o terreno para o desenvolvimento de um regime patriarcal mais opressor (FEDERICI, 2017, p. 30).

Para a mesma filósofa acima, (2017, p. 290) “a caça às bruxas continua sendo um dos fenômenos menos estudados na Europa, ou talvez, da história mundial e que a acusação de adoração ao demônio foi trazida ao Novo Mundo pelos missionários, como uma ferramenta para subjugação dos nativos”. Os historiadores hesitam ainda em estudar esse genocídio, talvez pelo fatos das vítimas terem sido camponesas e essa indiferença chega a ser quase uma cumplicidade. Outrossim, oitenta por cento das pessoas julgadas na Europa nos séculos XVI e XVII pelo crime de bruxaria, eram mulheres. Além do mais, a associação entre concepção, aborto e bruxaria apareceu pela primeira vez na Bula de Inocência VIII que diz o seguinte:

[...] através de seus encantamentos, feitiços, conjurações, além de outras superstições execráveis e sortilégios, atrocidades e ofensas horrendas, [as bruxas] destroem as crias das mulheres[...] Elas impedem a procriação dos homens e a concepção das mulheres; daí que nem os maridos podem realizar o ato sexual com suas mulheres, nem as mulheres podem realizá-lo com seus maridos (FEDERECI, 2017, p. 324).

Vale ainda ressaltar que o Papa Inocência VIII em 1484 proclamou a bula *Summis Desiderantis Affectibus* “onde ele relacionava os crimes atribuídos às bruxas e dava plenos poderes à inquisição para prender, torturar e punir todos aqueles que fossem suspeitos de crime de feitiçaria” (SOUSA, 2016).

Outrossim, sendo as mulheres curandeiras e parteiras, morriam muitas crianças subitamente logo ao nascer, e por isso elas eram acusadas de bruxas. Porém, essas crianças, eram vulneráveis a uma grande quantidade de enfermidades era devido ao crescimento da pobreza e conseqüentemente da desnutrição.

[...]parece plausível que a caça às bruxas tenha sido, pelo menos em parte, uma tentativa de criminalizar o controle da natalidade e de colocar o corpo feminino – o útero – a serviço do aumento da população e da acumulação da força de trabalho. Essa é uma hipótese; o que podemos afirmar com certeza é que a caça às bruxas foi promovida por uma classe política que estava preocupada com a diminuição da população, e motivada pela convicção de que uma população numerosa constitui a riqueza de uma nação (FEDERECI, 2017, p. 326).

Portanto, a caça às bruxas foi uma guerra contra as mulheres em que as mesmas ficaram confinadas ao trabalho reprodutivo e ao cuidado do lar. Criou-se uma imagem degradada da mulher, demonizando-a, a fim de destruir seu poder social. O estereótipo da mulher era “fraca do corpo e da mente e biologicamente inclinada ao mal, o que efetivamente servia para justificar o controle masculino sobre as mulheres e a nova ordem patriarcal” (FEDERECI, 2017, p. 335). E além do mais, com o domínio sobre

seus corpos, ou seja, com o controle da reprodução, a população demográfica diminuiu e faltava mão-de-obra. Assim, a caça às bruxas procurou destruir esse controle que as mulheres tinham sobre seus corpos pois, havia a preocupação com o crescimento da população por parte também do protestantismo como escrito abaixo:

Rejeitando a tradicional exaltação cristã da castidade, os reformadores valorizavam o casamento, a sexualidade e até mesmo as mulheres, por sua capacidade reprodutiva. As mulheres são necessárias para produzir o crescimento da raça humana, reconheceu Lutero, refletindo que, quaisquer que sejam suas debilidades, as mulheres possuem uma virtude que anula todas elas: possuem um útero e podem dar à luz (FEDERICI, 2017, p. 171).

Certamente, a caça às bruxas foi uma iniciativa política muito importante, em que os homens da alta sociedade tais como advogados, juristas, filósofos e cientistas, concordavam em executar mulheres, muitas vezes viúvas e pobres, dizendo ter elas, parte com o demônio. Porém, com a revolução industrial no século XIX, a mulher pôde adentrar no mercado de trabalho gerando mão-de-obra produtora e intensificando assim, as reivindicações feministas. No entanto, mais uma vez não foi fácil. Vejamos:

[...] uma das consequências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor: nesse momento, as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem-se mais agressivos... a burguesia apega-se à velha moral que vê, na solidez da família, a garantia da propriedade privada: exige a presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação torna-se uma verdadeira ameaça (BEAUVOIR, 2019, p. 20).

A caça às bruxas ainda não acabou, simplesmente mudou a forma de executá-las pois, mulheres continuam sendo perseguidas, massacradas e mortas. Talvez, não numa fogueira, mas de uma forma muito velada, quando negam-lhe um emprego por ser mãe ou por ser negra, quando é demitida por não ceder aos assédios sexuais, quando é estuprada por simplesmente usar uma roupa que não está nos padrões tradicionais etc. Ou seja, o caminho ainda é longo para que o macho conscientize-se de que ele não é o sujeito, o absoluto, e as mulheres o Outro.

CAPÍTULO III - HÉSTIA, A SENHORA DO LAR - UM MITO GREGO

Os mitos gregos revelam muitas coisas acerca das relações entre homens e mulheres. Eles falam sobre amor, beleza, poder e muitos estão dentro de um contexto patriarcal. Por patriarcado deveremos entender o seguinte:

O significado literal de patriarcado é “regra do pai”, “pai de uma raça” ou “chefe de uma raça”, patriarca. Em uma cultura patriarcal, o homem assume a responsabilidade e a autoridade política, moral e religiosa sobre as mulheres e os filhos confiados à sua proteção, situando as mulheres como “donas de casa”. Vejamos então, o que nos diz o mito:

A deusa Héstia, a primogênita de Cronos e Reia, é a divindade olímpica do lar, da família e da arquitetura. Deidade casta, virginal e com a peculiaridade de ser a “mais jovem e a mais velha” das irmãs e dos irmãos. Quando titãs e divindades olímpicas entraram em um período de guerra, Héstia ficou cuidando do lar. Ela recebeu do irmão mais novo, Zeus, a garantia de um culto em todos os lares. Héstia se mantém no Olimpo e diferencia-se das outras divindades por ser a única cultuada em todos os lares mortais e nos templos de todos os deuses e deusas. Héstia rege a arquitetura e é tida como a deusa da lareira. Ela é pouco lembrada como divindade e não figura com a mesma frequência que outras deusas nos circuitos de debate da mitologia grega (NOGUERA, 2021, p. 21-22).

Héstia é o arquétipo da “dona de casa” esquecida e que introduziu a perspectiva de que o cuidado do lar e gestão doméstica pertencem à mulher.

Nas sociedades patriarcais, costumamos a ensinar as meninas a brincarem sempre com bonecas, panelas, enquanto aos meninos ensinamos a dirigir carros, motos, jogar bolas etc. Dividimos até mesmo as cores em cores para homens e cores para mulheres, reforçando assim os estereótipos de gênero. Segundo Noguera(2021), “Héstia é um símbolo de um estereótipo de gênero, uma ideia padronizada que circula com frequência nas mais diversas instâncias da sociedade: a ideia de que as mulheres são naturalmente donas de casa”. Vejamos o seguinte:

Parte do inconsciente consiste, portanto, de uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes. [...] Os pensamentos e ideias esquecidos não deixaram de existir. Apesar de não poderem se reproduzir à vontade, estão presentes num estado subliminar – para além do limiar da memória – de onde podem tornar a surgir espontaneamente a qualquer momento... [...] O inconsciente, no entanto, tomou nota de tudo, e essas percepções sensoriais subliminares ocupam importante lugar no nosso cotidiano. Sem percebermos, influenciam a maneira segundo a qual vamos reagir a pessoas e fatos (JUNG, et al., 2008, p. 35-37).

Por conseguinte, o patriarcado é um dos motivos que promoveram e promovem ainda hoje as desigualdades de gênero, estabelecendo os papéis do homem e da mulher dentro do espaço familiar. Porém, a família, como a concebemos hoje, nem sempre foi assim. Ao longo da história, o termo família foi adquirindo novos significados.

Ao contrário de ser algo dado, a família é compreendida como o produto histórico de diversas formas de organização entre os humanos, que pelas necessidades materiais de sobrevivência e de reprodução da espécie, inventaram diferentes formas de se relacionarem com a natureza e entre si. Dentre essas diversas formas de organização, encontramos a família patriarcal (SILVA et. al., 2018).

O modelo da família patriarcal teve início pela influência das transformações econômicas e sociais ocorridas na antiga sociedade de caça e coleta. Até então havia a harmonia entre homens e mulheres e não havia a dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino.

Com as crescentes atividades de cultivo e criação de animais, passou a ser necessário um número cada vez maior de filhos para servirem de força de trabalho, possibilitando uma maior exploração da terra e, conseqüentemente, um maior acúmulo de capital. Esse processo rompeu com a harmonia que havia entre homens e mulheres produzindo relações de dominação e controle do sexo masculino sobre o sexo feminino. Conseqüentemente, com acúmulo de capital, surgiu a necessidade de mudar as regras para a ordem da herança em proveito de seus filhos. Para isto, foi necessário abandonar as relações coletivas e adotar as relações monogâmicas, conferindo assim aos homens, o acesso exclusivo às suas mulheres e a garantia da paternidade de seus herdeiros (SILVA, et. al., 2018).

A partir de então, o patriarca tinha autoridade sobre suas mulheres, escravos, vassallos, filhos, e os corpos das mulheres passaram a ser controlados, bem como sua sexualidade, ficando também instituída a divisão sexual e social entre homens e mulheres.

Entretanto, as relações monogâmicas não trouxeram reconciliação entre homem e mulher mas sim, uma dominação do homem sobre a mulher.

A monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, muito menos ainda, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorados, até então, na pré-história (SILVA, et.al. 2018).

Além do mais, com o advento do capitalismo, pensava-se que o mesmo abriria portas para a emancipação feminina por meio da entrada das mulheres no mercado de trabalho, porém, ocorreu o contrário, a saber:

O modo de produção capitalista alija força de trabalho do mercado, especialmente a feminina. Os caracteres raciais e de sexo operam como marcas sociais que permitem hierarquizar, segundo uma escala de valores, os membros de uma sociedade historicamente dada (SAFFIOTI, 2013 p. 60).

Sendo assim, na passagem do modo feudal de produção para o modo capitalista, a sociedade foi dividida em classes sociais surgindo assim, a exploração econômica de uma pela outra. “Assim é que o sexo, fator que há muito selecionado como fonte de inferiorização social da mulher, passa a interferir de modo positivo para a atualização da sociedade competitiva, na constituição das classes sociais” (SAFFIOTI, 2013 p. 66).

Com o modo de produção capitalista, houve uma subvalorização das capacidades femininas, como consequência dos mitos justificadores da supremacia masculina, ficando as mulheres, às margens do sistema de produção. “A mulher então, figura como um elemento obstrutor do desenvolvimento social, quando, na verdade, é a sociedade que coloca obstáculos à realização plena da mulher” (SAFFIOTI, 2013 p. 66).

Na sociedade feudal, a servidão atingia homens e mulheres. Porém, com o advento do capitalismo, as mulheres puderam se distanciar de casa para trabalharem, mas ainda continuam sem poder participar da vida pública. Além disso, os costumes que inferiorizavam socialmente as mulheres continuaram, como também não diminuíram as diferenças entre os gêneros, mas aumentaram-nas.

CAPÍTULO IV - MITOS JUDAICO-CRISTÃOS

Primeiramente, gostaria de expor aqui alguns trechos dos escritos de David Hume sobre superstição e entusiasmo, para um melhor entendimento de como os mitos judaico-cristãos têm contribuído na construção do papel social da mulher. Vejamos:

A fraqueza, o medo, a melancolia, juntamente com a ignorância são a fonte da verdadeira superstição. O espírito do homem é também sujeito a uma incompreensível exaltação e presunção, derivado do sucesso e da prosperidade, da abundância da saúde ou de um caráter ousado e confiante.

Nesse estado de espírito, a imaginação fica cheia de concepções grandiosas e confusas, às quais nenhuma beleza ou prazer sublunar pode corresponder. [...] Daí deriva uma série de arrebatamentos, de transportes e surpreendentes voos de fantasias, sendo tais arrebatamentos ainda mais aumentados pela confiança e presunção, devido serem inteiramente incompreensíveis, e por parecerem estar muito além do alcance de nossas faculdades normais, pouco tempo, a pessoa inspirada passa a considerar-se distinguida pelo favoritismo da Divindade, e uma vez consumado esse frenesi que é o apogeu do entusiasmo, passa-se a consagrar toda espécie de capricho. [...] a esperança, o orgulho, a presunção, uma cálida imaginação, juntamente com a ignorância, são portanto a verdadeira fonte do entusiasmo (HUME, 1984, p. 291).

Em uma das teses de Hume sobre o início da religião, ele nos diz o seguinte:

Todas as religiões se iniciam não na tentativa de entender de forma racional o universo, mas de paixões humanas mais primitivas e básicas, de instintos naturais como o medo e a esperança. A religião se origina do medo de influências desconhecidas sobre a sociedade humana e prospera em situações terríveis de medo e ignorância do futuro (HUME, 2005, p. 9).

Seguindo ainda os pensamentos de Hume:

Nada melhor para favorecer os interesses da superstição, como as disposições interiores dos homens. Quanto mais fracas e perturbadas as mentes, mais elas servirão aos interesses dos sacerdotes. E quanto maior for a mistura de superstição, mais alta será a autoridade do sacerdócio (HUME, 1984, p. 292).

Sendo assim, os sacerdotes, em nome de Deus usam de suas autoridades para subjugar a mulher, impedindo que a mesma ocupe as posições que até então são ocupadas somente por homens, usando como parâmetro o texto escrito pelo apóstolo Paulo, onde o mesmo proíbe as mulheres de ensinar na igreja, cujo texto abordo um pouco mais adiante. Vejamos abaixo:

E até os sacerdotes, em vez de corrigir essas ideias perversas dos homens, tem se mostrado dispostos a alimentá-las e encorajá-las. Quanto mais monstruosa é a imagem da divindade, mais os homens se tornam seus servidores dóceis e submissos, quanto mais extravagantes são as provas que ela exige para nos conceder sua graça, mais necessário se faz que abandonemos nossa razão natural e nos entreguemos à condução e direção espiritual dos sacerdotes” (HUME, 2005, p.120-121).

Entretanto, graças ao feminismo teológico, tem ocorrido transformações no mundo religioso pois, “desobriga as mulheres de obedecerem à ordem estabelecida de certas crenças religiosas patriarcais” (GEBARA, 2017 p. 12). Mas ainda há muita resistência emocional da grande maioria das mulheres em mudar seus hábitos religiosos, pois temem que sejam castigadas por Deus por acharem que estão sendo desobedientes.

Do mesmo modo, existe também uma grande dificuldade das pessoas em usar a palavra feminismo ou feminista, como apontado abaixo:

Falam de organização de mulheres, de grupos femininos, mas têm muito receio da palavra feminismo ou feminista. Perguntado para as pessoas a razão desse mal-estar com a palavra, a grande maioria teme que as mulheres se assemelhem aos homens, que deixem de gostar dos homens ou percam a feminilidade, a suavidade que lhes caracteriza, assim como abandonem o cuidado com as pessoas, sobretudo com os filhos/as. Temem que o feminismo seja destruidor da família e da ordem estabelecida. Esse temor se estende igualmente a muitas mulheres que se negam a utilizar esse termo como se ele provocasse uma mancha em suas vidas (GEBARA, 2017, p. 72).

Outrossim, sendo “a bíblia, a parte significativa do arcabouço espiritual que sustenta, atravessa e constitui a cultura ocidental, ainda assim, os antropólogos ocidentais parecem melindrados em analisar a mitologia judaico-cristã” (NOGUERA, 2021, p. 115). Por isto, há uma grande dificuldade em alcançar as mudanças almejadas pois, por outro lado também, encontra-se uma grande resistência por parte das instituições religiosas em mudar suas tradições, para não perderem os poderes adquiridos. Ivone Gebara, freira e escritora militante da causa feminina escreve o seguinte:

O mundo religioso patriarcal mantém hierarquias e privilegia o poder de decisão masculino, sobretudo sobre os corpos e as mentes femininas. Consola e controla. Alivia e sobrecarrega. Ama e odeia. O problema não está nessas dualidades próprias da vida e das instituições humanas. O problema está em sublinhar a instituição religiosa como uma instituição que apenas busca o bem. Mas o que seria o bem para as mulheres? (GEBARA, 2017, p. 12).

Conseqüentemente, as igrejas cristãs têm contribuído com a sua forma androcêntrica de interpretar a bíblia, com a inferiorização das mulheres. Encontramos a

plateia cheia de mulheres, porém, nos altares e púlpitos ou nos lugares de decisão, ainda são pouquíssimas aquelas que têm oportunidade.

As instituições religiosas reproduzem os mesmos parâmetros de desvalorização das mulheres, muito embora não consintam em admiti-lo. Ainda consideram as mulheres apenas como pessoas “do lar”. Por isso, suas propostas de mudança e sua reflexão não são seriamente consideradas. Na maioria das vezes, as mulheres continuam a prolongar na igreja suas tarefas domésticas: são catequistas, são limpadoras das igrejas, as cuidadoras das casas dos sacerdotes e seminaristas. Devem continuar no lugar em que a natureza e Deus lhes designaram. E mais uma vez a análise que fizemos sobre a falta de cidadania feminina nas igrejas se encaixa em relação ao trabalho doméstico cotidiano nos locais físicos das igrejas. A desigualdade no exercício do poder e a injusta divisão social do trabalho continuam como uma visível expressão da desigualdade antropológica e da desigualdade de direitos nas instituições da religião (GEBARA, 2017, p. 183).

Portanto, as igrejas cristãs têm utilizados certos artificios teológicos que limitam os direitos das mulheres usando, por exemplo, o texto onde o apóstolo Paulo orienta o seguinte:

A mulher aprenda em silêncio, com toda submissão. E não permito, que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio. Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Todavia, será preservada através de sua missão de mãe, se ela permanecer em fé, amor e santificação, com bom senso (BÍBLIA, Timóteo, 2, 11-15, 2003, p. 1535).

Em virtude disso, as mulheres são impedidas de ministrarem a ceia ou a eucaristia. No caso de igrejas evangélicas, a ceia será ministrada por uma mulher se a mesma for a pastora de um ministério independente. Caso contrário, se a congregação pertencer a um grande ministério, ela dificilmente será ordenada à pastora e portanto não poderá ministrar a ceia e tampouco ensinar, salvo exceções.

Ademais, as cadeiras dos altares são ocupadas exclusivamente por homens, enquanto suas esposas cuidam da cantina ou das crianças. Este não é o problema. O problema está em subestimar a inteligência e a capacidade da mulher, dizendo ser a vontade de Deus. Quanto à igreja católica, vejamos:

A segregação das mulheres na Igreja Católica é algo absolutamente chocante, sobretudo porque não é reconhecida. Não só não temos o direito à representação simbólica da divindade, mas somos proibidas de entrar nos espaços “sagrados” enquanto uma ou outra cerimônia litúrgica especial é celebrada. O espetáculo do enterro do papa João Paulo II e a eleição de Bento XVI e de Francisco, com a presença massiva de homens no altar, são apenas alguns exemplos que revelam a segregação das mulheres nesses espaços. O que se pode ver é a

ocupação dos espaços “sagrados” públicos por homens na maioria idosos, brancos e celibatários. Muitas vezes, até a palavra “igreja” é identificada ao clero, aos bispos e autoridades eclesiais (GEBARA, 2017, p. 77).

Em outro momento do texto, observamos uma ideia complementar:

[...] Atribuem-se os limites impostos às mulheres como provindos da vontade histórica de Jesus de Nazaré, sem perceber a quantidade de equívocos e anacronismos que tal interpretação encerra. Além disso, as autoridades que se expressam em nome de Deus controlam corpos e sexualidades a partir de ideologias de defesa da vida e da família (GEBARA, 2017, p.51).

Outrossim, com o discurso de que só será preservada se permanecer em fé, mansidão e submissão, a mulher aceita o seu papel com humildade. Porém, existe uma diferença entre humildade e humilhação. As mulheres não estão sendo humildes quando aceitam o papel que lhes são impostas, mas sim, humilhadas. Pois, “a humilhação não é apenas o fato de agredir alguém com palavras, mas de impedir-lhe a vivência real de direitos que promovem sua dignidade, é impedir que apareça publicamente como sujeito de direitos, capaz de assumir responsabilidades públicas” (GEBARA, 2017, p. 50-51).

Entretanto, na década de 70, com o movimento da Teologia da Libertação, as mulheres alcançaram os vários tipos do saber. Tal movimento nos deu a possibilidade de uma leitura bíblica numa perspectiva feminista, a fim de conter o patriarcalismo interpretativo.

Nos deu então, um novo modo de interpretar a bíblia pois, geralmente a interpretamos da seguinte forma:

... nas e por meio de palavras humanas, mediante as quais consegue expressar-se. E estas de modo inevitável, levam a marca de seu tempo e lugar; recolhem realmente a manifestação de Deus, mas traduzindo-a nos modos de uma subjetividade, de uma sociedade, de um tempo e de uma cultura determinada. Sem esse entendimento da sagrada Escritura corre-se o risco de justificar matanças e injustiças como vontade revelada de um Deus, que é amor e é Santo, Santo, Santo (VENÂNCIO, 2015).

Portanto, ao interpretarmos os textos bíblicos sem trazê-los para a atualidade e realidade a qual estamos inseridos, acabamos por obscurecer certas verdades teológicas. A tradição cristã recusa a interpretar as atitudes de Jesus como libertadoras. Suas atitudes de acolhimento e tratamento igualitário para com as mulheres rompeu com o tradicionalismo patriarcal em que a sociedade de sua época vivia.

Na pedagogia de Jesus, a mulher surge como pessoa e como discípula, recebendo a missão de anunciar as boas novas como por exemplo, no texto abaixo:

Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia. Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. É como vos digo! E retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos. E eis que veio Jesus ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram. Então, Jesus lhes disse: Não temais! Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galiléia e lá me verão (BÍBLIA, 2003).

Entretanto, apesar dos exemplos dados por ele, os cristãos ainda continuam reproduzindo os discursos que servem para oprimir as mulheres. Discursos esses que estão de certa forma tão arraigados que até mesmo algumas comentadoras da Bíblia da Mulher, interpretam determinados textos sob a ótica do patriarcalismo e do androcêntrismo, como segue abaixo:

Submissão significa colocar tudo o que você possui – entendimento, conhecimento, opiniões, sentimentos, energia – à disposição de uma pessoa que exerce autoridade sobre você. [...] A submissão da esposa não é tanto ao marido, mero ser humano, mas a Deus e ao seu plano para o matrimônio. [...] A palavra ‘submissa’ (gr. hupotasso) significa, literalmente, ‘colocar sob’, por exemplo, maridos (BÍBLIA, Ef 5.22; Cl 3.18; Tt 2.5; 1Pe 3.1,5) (Machen, 2003, p. 1592).

Sendo assim, ao ler os textos bíblicos juntamente com os comentários, a mulher, muitas vezes sem entendimento, obedece fielmente, contribuindo ela mesma com o sistema opressor, pois, o ensino teológico centrado no homem, a partir de uma concepção do masculino como exemplar da humanidade, sustenta esse tal sistema.

Por conseguinte, ouve-se frequentemente nos sermões durante as cerimônias religiosas, a falar da astúcia de Eva que desobedeceu a Deus e enganou Adão ao comer do fruto do conhecimento, e por isto toda culpa pelo pecado da desobediência está sobre as mulheres. Porém, Deus falou com Adão proibindo-o de comer da árvore do conhecimento, antes da formação de Eva. Vejamos:

E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea (BÍBLIA, Gn. 2. 16-18, 2003, p. 8).

Não raro, encontramos também a personagem bíblica, a rainha Jezabel, esposa do Rei Acabe (I Reis), que era uma mulher ativa, sabia o que queria, defendia seus interesses e sobretudo sua religião e por isto é interpretada como mulher dominadora e perversa.

Semelhantemente, a rainha Vasti, esposa do rei Assuero que foi deposta por não comparecer à presença do rei e esposo durante uma festa. Vejamos:

Então disse Memucã na presença do rei e dos príncipes: A rainha Vasti não somente ofendeu ao rei, mas também a todos os príncipes e a todos os povos que há em todas as províncias do rei Assuero. Porque a notícia do que fez a rainha chegará a todas as mulheres, de modo que desprezarão a seu marido, quando ouvirem dizer: Mandou o rei Assuero que introduzissem à sua presença a rainha Vasti, porém ela não foi (BÍBLIA, 2003).

Porém, é necessário saber que a rainha Vasti desobedeceu ao rei, que por um acaso era seu marido. Ela não foi deposta pelo fato de não ter atendido ao pedido do esposo. Portanto, os textos bíblicos não devem ser interpretados antes que se observe o contexto histórico e social em que foram vivenciados. E além do mais, deve-se levar em conta também a subjetividade e a cultura do leitor. Vejamos o comentário abaixo:

Sua atitude pode ter sido uma reação ao costume do antigo Oriente Próximo, o qual ditava que as mulheres, inclusive a rainha, fossem excluídas dessas festividades. Alguns historiadores acreditam que ela temia ficar sob os olhares atentos de uma multidão de homens embriagados; outros sugerem que, na época, ela estava grávida (s/n, Bíblia, 2003, p. 627).

Sendo assim, muitas interpretações bíblicas erradas cooperam para perpetuar atitudes de desrespeito, preconceito, intolerância e discriminação de gênero. Segundo Richter e Bezerra (2018), “interpretações erradas da bíblia criam arquétipos como por exemplo, as características de Deus como um rei autoritário e violento, enquanto as mulheres não possuem nenhuma identificação com a imagem de Deus, ou seja, uma identificação não sacralizada”.

No caso do cristianismo, os discursos conservadores reproduzem os valores tradicionais da relação de gênero desigual que naturalizam a dominação masculina. Visões, traduções e interpretações sexistas dos textos bíblicos ao longo da história originaram arquétipos usados para moldar as identidades de gênero e definir papéis sociais onde a mulher está em subordinada relação aos homens (SOUZA, 2017).

As filósofas acima, citam ainda o mito da criação como um exemplo de tradução e interpretação sexista pois no ideário comum, Eva foi criada depois de Adão e a partir de Adão e sem o sopro divino para ser sua auxiliar. Citam ainda Maria de Nazaré, dizendo que a mesma, no imaginário religioso tem características iguais a de Eva

[...]é maternal, angelical e submissa porém, no texto de Lucas ela é apresentada como uma mulher segura de si, autônoma e dialoga com o anjo, aceita a concepção sem consultar José, viaja só para visitar

Isabel e ainda proclama um cântico revolucionário, o Magnificat (SOUZA, RICHTER, 2018 p. 39).

Além do mais, ela desobedece a Jesus e decide quando ele deve fazer o seu primeiro milagre. Contudo, a dignidade da mulher é garantida teologicamente pela criação, o que podemos verificar no livro de Gênesis 1. 27 onde diz o seguinte: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (BÍBLIA, 2003, p. 6).

Sem dúvida, a proposta deste trabalho não é questionar se o comportamento das personagens bíblicas aqui citadas são corretos ou não, mas sim explicitar o quanto os discursos das igrejas, usam tais mulheres como exemplos para justificar a soberania masculina, dizendo que se elas tivessem agido de forma submissa, as mesmas teriam sido poupadas.

Existe portanto, uma personagem que raramente é citada nos sermões das igrejas, que foi Débora, a única juíza mulher das escrituras elevada a um alto cargo político por seu próprio povo e foi descrita como uma “abelha em tempos de paz, e uma vespa em tempos de guerra” (KENT, 2003, p. 320 - 321), foi também profetisa e líder militar.

Sendo assim, abordar a importância da categoria de gênero na leitura da bíblia é um dos caminhos para a libertação da mulher. Vejamos:

A categoria de gênero é importante porque evidencia que a teologia precisa aprofundar sua reflexão e ação feministas, questionando e rompendo com os parâmetros patriarcais e androcêntricos das ciências sociais e teológico-pastorais. Pois neles a mulher, além de ser desqualificada na sua humanidade e capacidade, também é desapropriada de sua dignidade e silenciada em sua experiência e resistência. O sistema patriarcal - e, portanto as ciências que trabalham com paradigmas patriarcais - é dualista, sexista e hierárquico, no qual o homem poderoso/branco é o princípio organizativo e normativo de todas as coisas. A categoria de gênero possibilita que nossas experiências cotidianas sejam levadas a sério como fonte de reflexão teológicas, como processo de conhecimento e como autoridade nos processos decisórios de exercício de cidadania. Nosso cotidiano é como uma rede ou como um tecido, no qual se cruzam diversos mecanismos de desigualdades de gênero, sociais, econômicas, culturais, religiosas, étnicas e de idade. Partir desse cotidiano de nossos corpos significa romper com o silenciamento e invisibilização de mulheres como agentes em processos fundantes e fundamentais da vida humana e social, desmascarando e denunciando práticas e discursos que desconsideram as diferenças ou fazem delas elementos fundantes e legitimadores de desigualdades definidas então como “naturais” (REIMER, 2000, p. 22-23).

Gostaria de falar ainda sobre a prostituta que ia ser morta por apedrejamento, quando Jesus a livrou das mãos de seus acusadores. Aquela mulher foi Maria Madalena

para a qual Jesus apareceu depois de ressurreto, dando-lhe a missão de anunciar as boas novas.

Sendo assim, as instituições religiosas cristãs, deveriam aplicar a pedagogia de Jesus, ou seja, praticar o verdadeiro cristianismo a fim de desconstruir a soberania masculina.

Gostaria de terminar esse capítulo com a seguinte citação:

Os dados biológicos existem e é necessário estudá-los, pois estes são os meios que temos para compreender a mulher. Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos, não explicam porque a mulher é o outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada (BEAUVOIR, 2019, p. 60).

CONCLUSÃO

A proposta central desse trabalho foi mostrar o quanto os preconceitos que, a partir das leituras e interpretações equivocadas e carregadas de anacronismos, têm sido reforçados no que diz respeito à construção do papel social da mulher atual.

Abordamos os mitos guarani de Iara, e o grego de Héstia - a senhora do lar, mostrando como esses arquétipos estão ainda tão presentes no inconsciente humano, legitimando assim, as atitudes patriarcais opressoras.

Da mesma forma, trouxemos à tona a figura da “bruxa”, a mulher horrenda contada nas histórias infantis, mas tão esquecidas nas aulas de história, em que mulheres que detinham um certo conhecimento e por simplesmente quererem ser donas de seus próprios corpos, foram queimadas e silenciadas porque eram vistas como ameaças para o patriarcado, e conseqüentemente ao capitalismo.

Em relação aos mitos judaico-cristãos, tivemos a intenção de mostrar que as mulheres fazem teologia a partir do vivido do cotidiano e sobretudo das experiências do presente. Porém, dentro das instituições religiosas são menosprezadas e silenciadas em nome de verdades inquestionáveis.

Enfim, é necessário uma hermenêutica feminista não só na leitura da bíblia, como na leitura dos outros mitos, a fim de valorizar a categoria de gênero pois, é através dessa valorização que iremos aprender que não é a natureza, mas é a cultura que determina as diferenças dos papéis sociais entre homens e mulheres, a fim de mudarmos os conceitos religiosos e desconstruirmos atitudes e visões patriarcais opressoras, com o intuito de gerar ações libertadoras não só no sistema religioso como também em toda sociedade pois, não adianta mudar leis ou sistemas se não mudar a religião e os costumes.

Então, é necessário, desconstruir padrões opressores, quebrar os ciclos de repetições, pois, ao reproduzir esses mitos sem uma visão feminista, acabamos por fomentar as desigualdades de gênero.

BIBLIOGRAFIA

AMITRANO, Georgia Cristina. **Querendo ou podendo ser Lilith: a mulher um ser-Outro**. Rio de Janeiro (RJ): Ape'Ku, 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução Coletivo Sycorex. São Paulo: Elefante, 2017.

GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder**. São Paulo (SP): Edições Terceira Via, 2017.

JUNG, Carl Gustav e colaboradores. **O homem e seus símbolos**. Tradução: Pinho, Maria Lúcia: Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 2008.

BÍBLIA, A.T. Gênesis, 2, 16-18, Ester, 1, 16-17, N.T. 1 Timóteo, 2, 11-15, Mateus, 28, 5-10 Tradução: Neyd V. (Organizadoras: Siqueira e colaboradoras). São Paulo (SP): Editora Mundo Cristão, 2003.

KENT, Carol. **Débora, uma juíza diferente**. In: BÍBLIA (Organizadoras: Siqueira e colaboradoras) São Paulo (SP): Editora Mundo Cristão, 2003.

S/N, **Vasti, uma rainha deposta**. In: BÍBLIA (Organizadoras: Siqueira e colaboradoras) São Paulo (SP): Editora Mundo Cristão, 2003.

MACHEN, Diane. **Submissão, como ao Senhor**. In: BÍBLIA (Organizadoras: Siqueira e colaboradoras) São Paulo (SP): Editora Mundo Cristão, 2003.

NOGUERA, R. **Mulheres e deusas**. Rio de Janeiro (RJ): Harper Collins, 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo (SP): Expressão Popular, 2013.

MENEZES, Pedro. **O que é o mito?**

(Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/?s=mito> - acessado em: 20/dez./2021).

SOUSA, Felipe Trindade. **Caçando a bruxaria na Germânia: a inquisição através da Bula Summis Desiderantes Affectibus (1484), de Inocêncio VIII**, Repositório

institucional da Universidade Federal de Sergipe – RI/UFS- Monografia (Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/7325> – acessado em 06/jan./2022).

SILVA, Vânia Olímpia Barbosa et al. **O patriarcado e a constituição familiar: um panorama sobre as desigualdades de gênero/ VI Congresso em desenvolvimento Social**, 2018. Repositório Institucional da Universidade Estadual de Montes Claros - MG (Disponível em: <https://congressods.com.br> – acessado em 07/jan./22).

VENÂNCIO, Silvana. **Uma abordagem antropológica da hermenêutica feminista na América Latina/ PUC-RIO/ departamento de teologia.** (Disponível em: <https://www.puc-rio.br> acessado em 18.jul.2022).

SOUZA, Carolina Bezerra de. **Evangelho das mulheres**, TEDE Campus Goiânia/ Programa de Pós Graduação STRICTO SENSU em ciências da religião/ Doutorado em Ciências da Religião, 2017. Repositório Institucional da Pontifícia Universidade Católica de Goiás/Go.(Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3764> - acessado em 08 ago. 2022).

SOUZA, RICHTER, SCHUCHARDT – **Métodos e epistemologias feministas nos estudos da religião/** 2018. Disponível em:(<https://revista.fuv.edu.br>- acessado em 08 ago. 2022).

HUME, David. **História natural da religião.** Tradução, apresentação e notas de Jamir Conte. São Paulo (SP): UNESP, 2005.